



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

SEXUALIDADE: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO ENTRE A FAMÍLIA E A ESCOLA

Autora: Nívia Maria Rodrigues dos Santos

Universidade Estadual da Paraíba, niviabiologia@hotmail.com

Co-autora (1) Dennefe Vicencia Bendito

Universidade Estadual da Paraíba, dennefe.ly@gmail.com

Co-autor (2) Erivaldo da Silva Nascimento

Universidade Estadual da Paraíba erivaldo.sn@hotmail.com

Co-autora (3) Liliane Silva Câmara de Oliveira

Universidade Estadual da Paraíba, lilianecamara2007@hotmail.com

Orientadora: Ma. Geruza Vicencia Bendito

Universidade Federal da Paraíba, gel.happy@yahoo.com.br

RESUMO

O presente texto tem como objetivo apresentar e verificar o conhecimento sobre sexualidade, incluindo o conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis (DST's), bem como, métodos de contaminação e preventivos, dos alunos do 8º ano de uma Escola Municipal de Ensino fundamental anos finais, localizada no município de Cubati/PB, no Seridó Oriental, e identificar se a Escola e as famílias estão abordando assuntos sobre sexualidade, contribuindo com a orientação sexual. Para a realização dessa pesquisa, foi aplicado para 30 alunos um questionário, foram abordados temas como: Fontes de informações sobre sexualidade, se conversam com os pais, métodos de contaminação e prevenção de Dst's, no período de Abril à Julho de 2015 para obtenção dos resultados. Para a análise dos dados foi utilizado o programa Microsoft Office Excel 2007. A adolescência é uma fase muito importante na vida das pessoas, na qual surgem curiosidades, dúvidas e questionamentos, que precisam ser esclarecidos colaborando na tomada de decisão com responsabilidades, saber principalmente se prevenir das DST's e de uma gravidez não planejada, estando orientados para uma vida saudável. A escola pesquisada não desenvolve atividades sobre orientação sexual, esse assunto é trabalhado com mais intensidade na disciplina de Ciências no conteúdo do oitavo ano, porém não são todos os professores de ciências que o abordam; e os educandos julgam importantes essas orientações, pois as utilizam em seu dia a dia. Percebe-se que se a orientação sexual fizer parte do currículo pedagógico, as informações são mais claras e seguras.

Palavras-chave: Sexualidade, Adolescência, Escola, Saúde Pública.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

INTRODUÇÃO

A sexualidade faz parte do contexto familiar, social e escolar da vida de todas as pessoas e, como tal, ainda gera muitas controvérsias por envolver conflitos sociais, posições morais e políticas. A questão da sexualidade é um ponto muito peculiar, que os pais e a escola praticamente a ignoram, e os adolescentes ficam sem as informações necessárias.

A sexualidade adolescente adquiriu uma dimensão de problema social. Mais do que um problema moral, ela é vista como um problema de saúde pública e a escola desponta, como um local privilegiado de implementação de políticas públicas que promovam a saúde de crianças e adolescentes.

Os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) declaram que o tema Sexualidade é transversal, podendo ser abordado como "orientação sexual". Por ser um tema transversal todos os professores podem trabalhá-lo, independentemente da disciplina lecionada, porém o que vemos é que em boa parte das escolas brasileiras esse assunto é responsabilidade dos professores de Ciências. De acordo com o livro didático o conteúdo sobre "sexualidade" só é abordado no oitavo ano do ensino fundamental, onde poderia ser abordado desde o período da pré-adolescência que se inicia ainda nas séries iniciais do ensino fundamental, não apenas como "orientação sexual", mas como "educação sexual".

Através de observações do cotidiano escolar, pode-se compreender que ainda existem alunos que sentem vergonha de discutir assuntos sobre sexualidade com os pais ou familiares, preferindo o diálogo com os amigos, porém estes podem ter suas dúvidas e isso pode resultar na troca de informações incorretas entre eles.

Com a orientação sexual ou educação sexual fazendo parte do currículo pedagógico, as informações são mais claras e seguras, oferecendo também maiores contribuições no que se refere à saúde dos adolescentes. Desta forma, os professores podem contribuir para melhorar a qualidade da saúde dos adolescentes e diminuir os índices de gravidez precoce e de DST's que é uma preocupação gritante em nossa sociedade.

Seja por meio do diálogo, da reflexão ou das possibilidades de reconstruírem as informações, pautando-se sempre pelo respeito a si mesmo e ao próximo, que o aluno conseguirá transformar, ou reafirmar, concepções e princípios, construindo de maneira significativa seu próprio código de valores. (BRASIL 2001, p. 307)



Este trabalho foi realizado com o objetivo de verificar o conhecimento sobre sexualidade, incluindo o conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis (DST's), bem como, métodos de contaminação e preventivos, dos alunos do 8º ano de uma Escola Municipal de Ensino fundamental anos finais, localizada no município de Cubati/PB, no Seridó Oriental deste estado, e identificar se a Escola e as famílias estão abordando assuntos sobre sexualidade, contribuindo com a orientação sexual.

METODOLOGIA

Para a realização dessa pesquisa de tipo descritivo e exploratória, com abordagem quali-quantitativa. Para Teixeira (2007), através de uma pesquisa qualitativa a sociedade pode ser vista sobre diversos aspectos: motivação, aspiração, atitudes, crenças e valores, tudo isso voltado para uma linguagem acessível utilizada no dia-a-dia. Já Santos (2009), afirma que as técnicas quantitativas buscam analisar o comportamento das variáveis individualmente ou na sua relação de associação ou dependência com outras variáveis (quando há casualidade).

Os dados foram coletados através da aplicação de questionário, no período de Abril à Julho de 2015 em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental anos finais, localizada no município de Cubati/PB, situado na mesorregião da Borborema e microrregião do Seridó Oriental da Paraíba, o qual possui uma população de 7.150 mil habitantes em uma área de 132, 967 Km² (IBGE, 2014). A escola possui 620 alunos matriculados nos períodos matutino, vespertino e noturno, a pesquisa foi realizada em uma turma de 8º ano, que possui 30 estudantes apresentando média de 14 anos de idade, do período matutino.

A partir da coleta, os dados do questionário foram organizados em tabelas no Microsoft Excel (2007) resultando em gráficos que auxiliaram na abordagem desses resultados e a avaliação das principais necessidades de conhecimentos sobre a sexualidade apresentados pelos participantes.

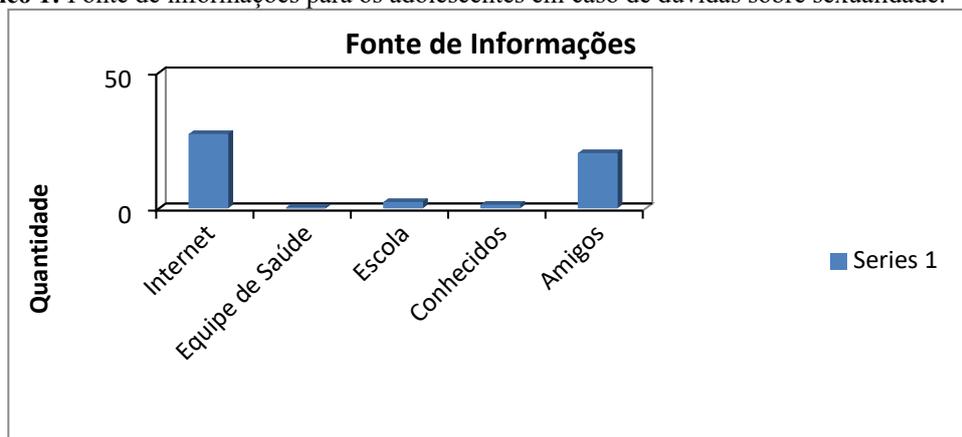
RESULTADOS E DISCUSSÕES

A adolescência é uma fase complicada, caracterizada fisiologicamente e psicologicamente por descobertas, dúvidas e questionamentos, pela qual os nossos jovens passam e devem ser orientados, para que não venham a sofrer graves conflitos sociais.

Sexualidade é um tema delicado que deve ser abordado aos adolescentes, seja pelos pais ou pela comunidade escolar. Brasil (2001, p. 296) afirma que “A sexualidade infantil se desenvolve desde os anos iniciais de vida e segue se manifestando de forma diferente em cada momento da infância”.

Para identificar como os adolescentes se informam sobre os assuntos ligados a sua própria sexualidade, perguntou-se aos participantes desta pesquisa, no questionário, qual a fonte de informação que eles buscam em casos de dúvidas, e obtiveram-se como principais resultados à busca de informações através de Internet totalizando 27 respostas e com os amigos 20.

Gráfico 1: Fonte de informações para os adolescentes em caso de dúvidas sobre sexualidade.



Fonte: autora, 2015.

Diante deste resultado é perceptível que os adolescentes possuem conhecimento sobre sexualidade, porém buscam as informações na internet, que a equipe de saúde da cidade e a equipe escolar não abordam assuntos sobre sexualidade, ou orientação sexual. Quando mencionamos as palavras orientação sexual, não nos referimos apenas ao ato sexual, mas sim às questões comportamentais, sentimentais e diferenças de sexo masculino e feminino.

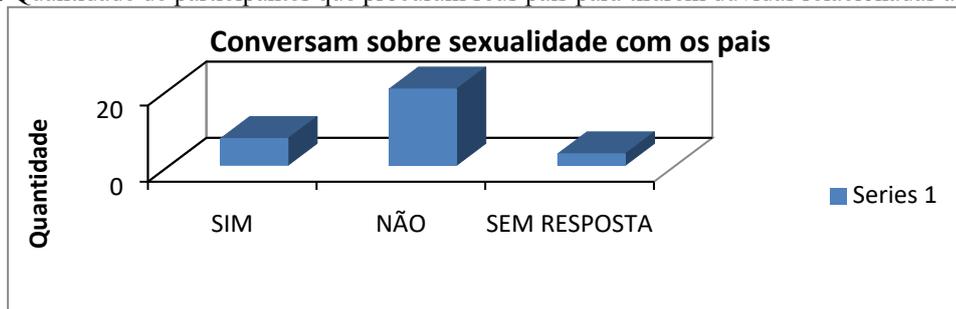
Não se pode deixar que os jovens esclareçam suas dúvidas apenas com os colegas, ou em redes sociais, pois essas concepções podem ser errôneas e tornarem determinadas situações um problema social por falta de informações que podem afetar a saúde pública de uma cidade. Novaes (1972, p. 196) comenta que:

(...) um dos maiores problemas dos pais é não compreenderem nem aceitarem a sua realidade nem quererem perceber como o jovem sente o mundo e como reage a distancia que existe entre ele, jovem, e os adultos.



Podemos perceber através desta pesquisa o quão afastado estão os jovens do diálogo aberto com seus pais, que ao serem questionados se a sexualidade era abordada entre eles e seus pais, tivemos o resultado mostrando que uma minoria assim o faz, totalizando apenas 7 dos 30 participantes, como nos mostra o gráfico 2.

Gráfico 2: Quantidade de participantes que procuram seus pais para tirarem dúvidas relacionadas a sexualidade.



Fonte: autora, 2015.

Vivemos em uma sociedade onde ainda é muito complicado discutir a sexualidade de forma aberta e sem preconceitos, onde em muitas situações é melhor ignorar do que explicar as verdadeiras concepções ligadas ao assunto. É isso que ainda acontece tanto no âmbito familiar quanto no educacional. Geralmente, quando o aluno faz uma pergunta ao professor sobre sexualidade, o educador/pais logo ignora para não responder, e isso causa desconforto ao aluno/filho aguçando ainda mais sua curiosidade. López diz que “(...) esse tipo de conhecimento, como outros na vida de relação social, deve ser adquirido no momento adequado e é perfeitamente acessível por meio da informação pessoal, educação aberta (...)” (LÓPEZ, 2002, p. 110).

Vê-se que, na visão de López (2002) que, os familiares não precisam fazer curso de sexualidade para orientar seus filhos, basta ter diálogo, pois quando os pais sentam-se com os filhos e dão abertura para os mesmos sentir-se seguros e expor suas curiosidades já existe a orientação sexual de forma responsável e, dependendo da pergunta, os pais podem postergar esse assunto para uma próxima conversa. O que não é aconselhável fazer, é omitir informações ou informar errado, porque futuramente eles descobrirão que tal informação está errada e ficarão frustrados.

(...) pais e professores devem ser aliados na formação de uma base de sexualidade equilibrada, consciente, responsável, que converta em fonte de



II CONEDU

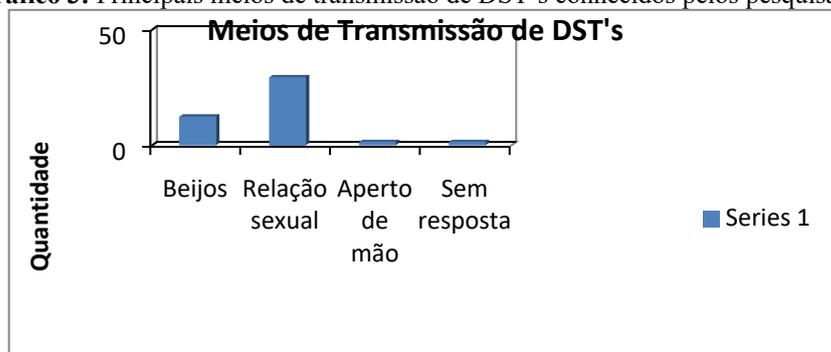
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

desenvolvimento pessoal, não de obsessão, e não seja substituída de outras dimensões igualmente nobres do ser humano (LOPEZ, 2002, p. 1).

Quando questionados sobre seus conhecimentos em relações a coisas básicas que envolvem a sexualidade, podemos perceber a necessidade de informação que esses jovens precisam. Levando em consideração que a escola e a família são instituições básicas na formação social de cada pessoa. Reforçamos a importância e necessidade de união e diálogo entre elas para firmar e formar um cidadão esclarecido, saudável e bem resolvido sexualmente.

Ao serem questionados sobre os meios de transmissão de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's), os gráficos 3 e 4, mostra-nos que apesar de ser uma minoria, ainda há quem acredite que se pode transmitir as Dst's através de beijos, aperto de mão e também, aquele que nem se pronunciou. E entre as formas de prevenção das DST's, 10% dos pesquisados não apontaram o preservativo como principal meio.

Gráfico 3: Principais meios de transmissão de DST's conhecidos pelos pesquisados.



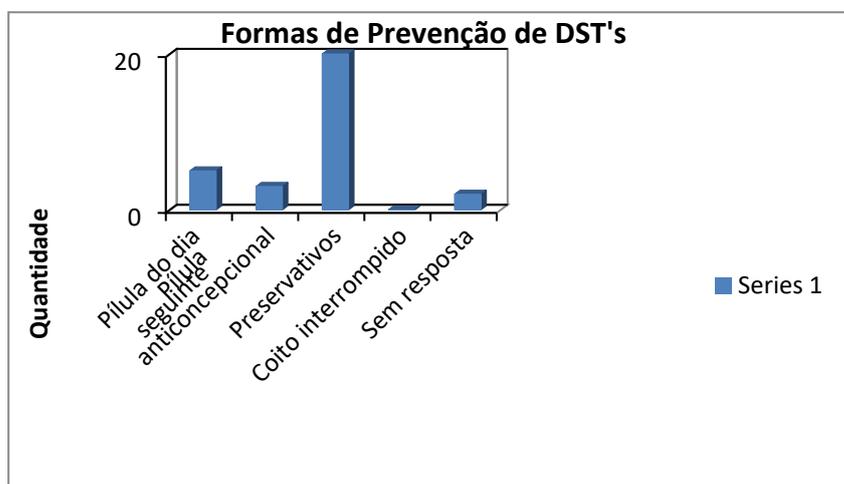
Fonte: autora, 20014.

Gráfico 4: Principais formas de prevenção de DST's conhecidos pelos pesquisados.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO



Fonte: autora, 2015.

Tem-se observado que os adolescentes possuem certo conhecimento, porém, ainda há dúvidas, incertezas. Acreditamos que, a escola em parceria com as famílias devem desenvolver atividades relacionadas a uma orientação responsável. A educação sexual tem seu início nas famílias, a escola a complementa, não a substitui, deixando o adolescente tirar suas próprias conclusões e fazer suas decisões quando se achar necessário, e estiver preparado.

Experiências bem sucedidas com orientação sexual em escolas que realizam esse trabalho apontam para alguns resultados importantes: aumento do rendimento escolar, da solidariedade e do respeito entre os alunos; (...) no caso dos adolescentes as manifestações da sexualidade tendem a deixar de ser fonte de agressão, provocação, medo e angústia, para tornar-se assunto de reflexão. (BRASIL, 2001, p.300).

De acordo com Brasil, quando essas experiências são realizadas no ambiente escolar, há bons resultados tanto nas questões comportamentais quanto nos aspectos cognitivos. Por isso, há uma necessidade gritante de que as escolas incluam o tema sobre orientação sexual em seus currículos.

Assim temos a quantidade de alunos dentre os 30 pesquisados que já ouviram falar em determinadas DST's, que além de ser um número muito baixo a cada uma das doenças citadas exceto a AIDS, não houve comentário de nenhum deles em relação a nenhuma das doenças, ou seja, os poucos que ouviram falar não sabem comentar sobre a mesma. Isto se configura um fator preocupante se levar em consideração aqueles que ainda não tem uma vida sexualmente ativa, provavelmente passará a ter futuramente e todos necessitam de uma base



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

de conhecimentos para não serem vítimas das circunstâncias e provocarem problemas de saúde de cunho social, como a proliferação de doença para vários parceiros.

Dos 30 pesquisados: 23 conhecem sobre AIDS, 3 herpes genital, 5 hepatite, 1 cancro duro, 0 condiloma, 6 gonorreia, 0 clamídia, 1 candidíase, 0 trichomonas, 0 Gardnerella, 0 linfogranuloma venéreo, 0 ureaplasma, 1 molusco contagioso, 0 granuloma inguinal e 0 pedicúlos do púbis.

Na sociedade atual é perceptível que muitos pais não conversam com seus filhos, e isso acontece muitas vezes por eles não possuírem conhecimentos sobre o assunto, outros porque se sentem constrangidos ao tratar do mesmo, pois foram formados dentro de um regime social onde falar de sexualidade era tabu. Escola e pais devem ser parceiros, orientando os adolescentes de forma coerente. Para a escola refazer seu currículo, é essencial que a família se torne aliada da mesma, para evitar as contradições. Como também afirma Lopez (2002, p. 58).

(...) todo professor, qualquer que seja a disciplina que leccione, desempenha consciente ou inconscientemente ações no campo da Educação Sexual. Estas ações são representadas pela maneira de ser, vestir e agir. Desta forma, uma grande preocupação no que diz respeito à educação sexual é como as informações chegam aos alunos.

Cabe aos professores informarem aos adolescentes assuntos relacionados à sexualidade, para que não tirem suas dúvidas somente através de internet, televisão, revistas e amigos. É importante lhes possibilitar conhecimentos sobre cultura e valores, levando-os a se questionar sobre o assunto para que sejam responsáveis em suas decisões e seguir seus próprios caminhos. Brasil (1997, p. 54) aborda que:

Os objetivos gerais dos programas de educação sexual para o ensino fundamental proporciona ao aluno condições de, entre outras habilidades, respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos existentes e relativos à sexualidade; [...]; desenvolver consciência crítica e tomar decisões responsáveis a respeito de sua sexualidade e procurar orientação para a adoção de métodos contraceptivos.

Diante desta pesquisa podemos perceber que dentre os pesquisados, em casos de suspeita de contaminação por DST's alguns ainda sentem dúvidas a quem recorrer em primeiro lugar, como nos mostra o gráfico 5 ao apontar que menos de 20 alunos buscariam diretamente a Unidade Básica de Saúde.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

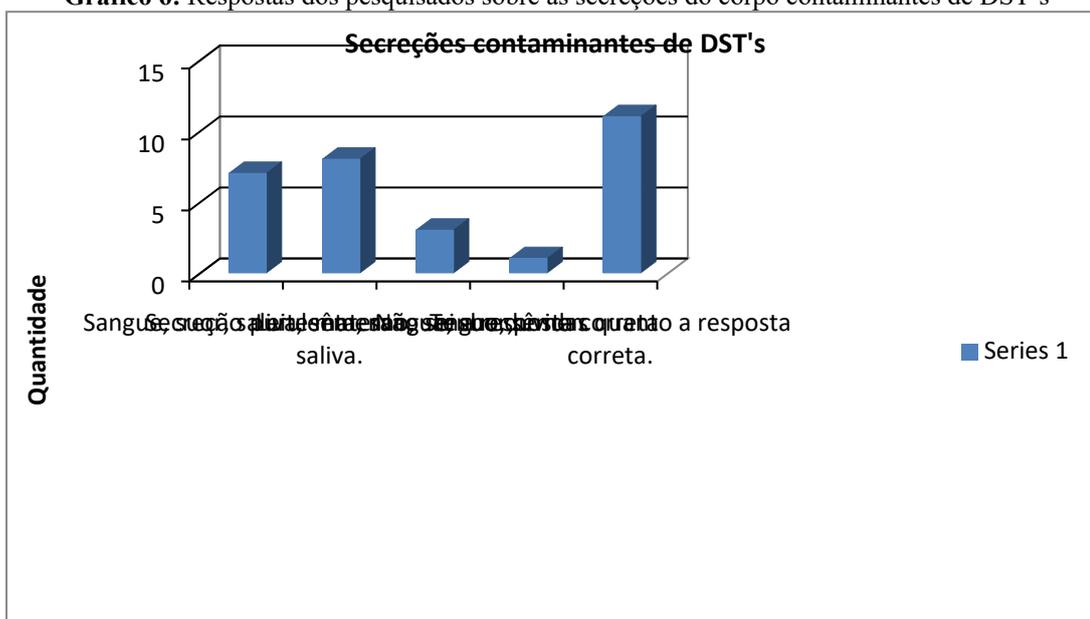
Gráfico 5: A quem recorrer em primeiro lugar em caso de suspeita de DST's na opinião dos pesquisados



Fonte: autora, 2015.

E o fator informação correta advinda da escola ainda se mostra mais relevante e faz-se necessária ao se observar também o gráfico 6, que retrata a insegurança dos jovens diante do que sabem sobre seu próprio corpo e as formas de se manter seguros para uma vida sexual saudável. Entre as respostas a maioria afirma realmente ter dúvida quanto as secreções do corpo que podem ser contaminadas por DST's, e os demais se mostram divididos em suas respostas.

Gráfico 6: Respostas dos pesquisados sobre as secreções do corpo contaminantes de DST's





II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Fonte: autora, 2015.

Nesse sentido, cabe à escola promover um trabalho pedagógico voltado para os familiares, através de palestras com profissionais especializados no assunto e depois com os alunos. Assim, evitam-se desavenças entre família e a escola, pois sabemos que ainda existe modelo familiar com culturas antigas e não admitem que esses assuntos sejam abordados na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Críticas e indagações são levantadas quando é para trabalhar sexualidade, tais como: “É dever dos pais falar sobre isso”, “A saúde que deveria falar sobre sexualidade”, “O professor de Ciências que deve trabalhar essa temática” entre outras, porém há algo que perpassa todas essas críticas e indagações em relação à atuação escolar: a busca de uma intervenção mais eficiente, a inserção de políticas preventivas, de esclarecimento, de educação sexual, necessário a criação de um núcleo de adolescentes multiplicadores atuantes. Através de técnicas de poder diversas, fundamentadas em determinados campos de saber, busca-se levar os adolescentes a “incorporarem a mentalidade preventiva e a praticarem sempre” (BRASIL, 1998, p. 328).

Há uma busca constante para mudar ou adequar os dispositivos que estruturam os comportamentos. Busca-se o aprimoramento das técnicas de prevenção, considerada a melhor estratégia frente a diversas doenças sexualmente transmissíveis. A prevenção de DSTs e da AIDS, bem como de uma gravidez indesejada, depende, em grande parte, da mudança de comportamentos sexuais. É essa busca que justifica a implementação de políticas preventivas na escola, como a educação sexual.

É nesse sentido que o trabalho de educação sexual deve ser desenvolvido na escola, sendo fortemente influenciado pela forma como a sexualidade adolescente é problematizada, conforme demonstrado ao longo deste trabalho. Gravidez na adolescência, disseminação da AIDS entre jovens, doenças sexualmente transmissíveis são assuntos importantes e recorrentes quando se fala sobre sexualidade, estando inclusive presentes nos livros didáticos e em outros materiais de divulgação, como vídeos e folders impressos – produzidos e distribuídos pelo Ministério da Saúde, Secretarias de Saúde e ONGs.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Evidenciando, portanto, uma clara intenção de, que a partir da informação, administrar-se a vida sexual dos adolescentes. Já diz Foucault (1997, p. 27):

Cumprir falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas, administra-se.

O trabalho que a escola deve desenvolver pode estar pautado não pela anticoncepção, mas pelo esclarecimento, pela preocupação de que os adolescentes precisam conhecer seu corpo e seu desenvolvimento, que viva o início de sua vida sexual afastando-se da gravidez indesejada, dos perigos trazidos pela AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis, trazendo benefícios à saúde pública da nossa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Apresentação dos temas transversais/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 1.** A vontade de saber. 12 ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

LÓPEZ, Jaume Sarramona. **Educação na família e na escola: o que é como se faz.** 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

NOVAES, Maria Helena. **Perspectivas para o futuro da psicologia escolar.** In S. M. Wechsler (Org.). Psicologia escolar: Pesquisa, formação e prática. Campinas: Alínea, 2001.

OLIVEIRA, Dora L. de, **Sexo e saúde na escola: isto não é coisa de médico?** In: MEYER, D. (Org.). Saúde e sexualidade na escola. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 97-110.

ROSEMBERG, Fúlvia. **A educação sexual na escola.** *Cadernos de Pesquisa*. N. 53, p. 11-19, mai. 1985.

ROSISTOLATO, R. **Sexualidade e escola: uma análise de implantação de políticas públicas de orientação sexual.** 2003. 193 f. (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ, Rio de Janeiro.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

TEIXEIRA, E. **As três metodologias: Acadêmica, da ciência e da pesquisa.** 4 ed. Vozes-Petrópolis-RJ, 2007. 203p.